



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Ciências Médicas

XXIX Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

**O USO DE PSICOFÁRMACOS ENTRE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE CAMPINAS**

Aluno (bolsista): Sergio Roberto Corrêa Vicentin

Orientador: Prof. Dr. Amilton dos Santos Júnior

Local de execução: FCM/UNICAMP

Campinas – 2021

INTRODUÇÃO

A utilização de psicofármacos tem aumentado no Brasil e em diversos outros países nas últimas décadas. Dentre diversos fatores possíveis para tal ocorrência, incluem-se a maior frequência de diagnósticos de transtornos psiquiátricos na população, a introdução de novos medicamentos no mercado farmacêutico e novas indicações terapêuticas de fármacos já existentes¹.

Conceitualmente, psicofármacos são medicamentos que agem no sistema nervoso central, com ações que podem interferir em diversas esferas do estado mental, incluindo consciência, sensopercepção, comportamento, humor e cognição, e são utilizados com o propósito de manejo de determinados sintomas psicopatológicos². A classificação desses medicamentos apresenta diversas categorias, levando em consideração os tipos de sintomas que podem ser o foco de suas ações. Dentre elas, há medicamentos que atuam como estabilizadores do humor, sedativos, ansiolíticos, antidepressivos, antipsicóticos, hipnóticos, psicoestimulantes, dentre outros, a despeito de fármacos desenvolvidos inicialmente para uma determinada categoria poderem ser também prescritos para sintomas de outras condições³.

A prescrição de psicofármacos deve ser criteriosa e considerar suas indicações, contraindicações, interações com outros medicamentos e condições clínicas, bem como os possíveis efeitos adversos, incluindo, no caso de alguns deles, a possibilidade de desenvolvimento de quadros de dependência química. Desse modo, profissionais de saúde devem estar atentos ao seu possível uso de forma indiscriminada⁴.

Entre vestibulandos e estudantes universitários brasileiros, o uso de psicofármacos nos últimos anos segue a mesma tendência de incremento. Diversos fatores característicos dessa população podem ser fator de ocorrência ou agravamentos de sintomas psicopatológicos, principalmente ansiosos e depressivos, incluindo as pressões geradas pela escolha do curso, concorrência no vestibular e não aprovações. No caso daqueles que conquistam vagas, as adaptações com o ingresso e manutenção na vida acadêmica associam-se a novos desafios, que também podem ser fontes de estresse e sofrimento⁵⁻⁹.

Após o ingresso na graduação, devido às obrigações rotineiras, há diversos estudos na literatura indicando a dificuldade dos alunos em lidarem com novas situações. Deve-se ressaltar, dentre elas, possíveis mudanças de cidade, morar só ou, por outro lado, dividir a moradia com outros estudantes, conciliar a carga horária necessária aos estudos com outras atividades da vida pessoal, mudanças na rede de relacionamentos interpessoais, , trabalhos, dificuldades no âmbito financeiro, satisfação com o curso e, no caso de estudantes em períodos mais avançados, preocupações com a inserção no mercado de trabalho e com a consolidação da identidade profissional¹⁰⁻¹³.

Revisões de literatura com foco na vida acadêmica, que descrevem estudos brasileiros e internacionais, apontam percentuais entre 15 e 29% de universitários apresentando algum tipo de transtorno psiquiátrico durante sua passagem pela universidade. Com isso, a procura por ajuda especializada também é aumentada, o que se reflete no aumento da prescrição de psicofármacos¹⁴⁻¹⁷.

A necessidade de estudos que investiguem o uso de psicofármacos entre os estudantes universitários é relevante por trazer reflexões sobre a frequência, os motivos e a real necessidade de sua utilização, a possibilidade de usos inadequados, abusivos, ou combinados a outras substâncias psicoativas, bem como o conhecimento da universidade sobre a qualidade de vida e saúde mental dos alunos, visando ao estímulo para o desenvolvimento de ações universitárias de promoção à qualidade de vida e saúde mental.

OBJETIVOS

Geral: Avaliar a percepção de transtornos mentais e o uso de psicofármacos pelos alunos de graduação da Universidade Estadual de Campinas.

Específicos:

- Levantar o número de alunos que refere ter, atualmente ou no passado, algum transtorno mental;
- Avaliar as prevalências de uso de psicofármacos entre os graduandos;
- Detalhar quais são as classes de psicofármacos mais utilizados pelos alunos;
- Identificar se o uso começou durante o curso da graduação ou se teve início anterior ao ingresso ao curso superior.

MÉTODOS

Tipo de estudo: Estudo quantitativo, do tipo transversal, que avaliou um recorte de dados do estudo “Estudante universitário: perfil sociodemográfico, qualidade de vida, saúde mental e identidade psicossocial”, o qual acessou dados de 6.906 estudantes de graduação da Unicamp.

Período e local do estudo: A coleta de dados para o estudo ocorreu em 2017-2018, em todos os *campi* (Campinas, Limeira e Piracicaba) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A instituição possui aproximadamente 20 mil alunos de graduação.

Participantes: Foram incluídos estudantes da Unicamp de ambos os gêneros, de todos os cursos de graduação da Universidade, , tanto dos períodos integral diurno e noturno, regularmente matriculados em seus cursos e que estavam presentes nas salas de aula nas datas das disciplinas cujos professores responsáveis autorizaram a aplicação do questionário e que concordaram em responde-lo após a explicação dos propósitos da pesquisa e da leitura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Crítérios de exclusão: Estudantes que relatassem aos aplicadores, durante a aplicação do questionário, desconforto significativo ou constrangimento subjetivo em respondê-lo, mesmo após terem inicialmente concordado em assinar o TCLE; estudantes que apresentassem dificuldades na compreensão e/ou expressão da língua portuguesa, ou que não respondessem de forma minimamente adequada ao questionário

Questões éticas: O presente estudo atendeu às normas estabelecidas pela resolução CNS 466/12 e teve início após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo e, após terem sido esclarecidos, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp em 1 de fevereiro de 2017 (parecer nº 1.903.287/2017).

Instrumento e procedimentos de coleta de dados: O questionário previamente elaborado pelos pesquisadores conteve perguntas específicas para a análise de cada aspecto objetivado pela pesquisa geral. Elas englobaram questões sobre os diversos temas da vida e identidade estudantis: perfis sociodemográfico, socioeconômico e sociocultural, identidade pessoal e social, espiritualidade e vida religiosa, sexualidade, identidade e orientação sexual, saúde mental, dentre outras.

O recorte utilizado para esta pesquisa abordou o uso de psicofármacos pelos estudantes de graduação, e para isto, utilizou as respostas das seguintes perguntas do questionários: se o aluno(a) tinha, à ocasião da aplicação dos questionários ou previamente algum problema ou transtorno de saúde mental; se o aluno estava em uso, ou já havia feito uso prévio, de alguma medicação para algum problema psicológico/psiquiátrico ou de saúde mental; assim como, nos casos positivos, a categoria de medicamentos utilizados e quando foi o ano de início desse uso. Por convenção das classes mais utilizadas na psiquiatria e conforme breve análise dos dados obtidos, optamos pela convenção de dez diferentes classes de possíveis respostas, as quais foram separadas em colunas distintas e demarcadas conforme respostas dos alunos em “assinou” e “não assinou”, sendo elas: antidepressivos, benzodiazepínicos, anticonvulsivantes, lítio, antipsicóticos, psicoestimulantes, sedativos, homeopáticos, florais e outros. Apesar de medicamentos homeopáticos e florais não serem considerados psicofármacos, as categorias foram mantidas na análise por os estudantes terem assim os considerado.

Análises dos dados: Inicialmente, os dados coletados através dos questionários anônimos foram analisados de forma descritiva, seguindo-se análise estatística com objetivo de comparar as variáveis de interesse. Para o procedimento de análise estatística foi utilizado o programa estatístico “SPSS for Windows” versão 22. Foram utilizadas tabelas de frequência de todas as variáveis. Então, foram realizadas análises de associação através do teste qui-

quadrado das perguntas previamente estabelecidas e o gênero dos respondedores. O nível de significância adotado foi de 5%, ou seja, p-valor ≤ 0.05 .

RESULTADOS

O estudo obteve 6.906 respostas aos questionários, descartando os critérios de exclusão e os questionários que foram entregues em branco. Dentre eles, houve um total de 6.800 (98,5%) estudantes que responderam à pergunta “Você tem ou teve algum problema ou transtorno de saúde mental (psicológico ou psiquiátrico) significativo?” Dentre eles 1.899 (27,9% das respostas válidas) responderam afirmativamente.

A respeito do uso de psicofármacos pelos alunos da UNICAMP, houve análise da pergunta “Você já tomou ou está tomando alguma medicação para algum problema psicológico/psiquiátrico ou de saúde mental?”. A pergunta contemplava três possíveis respostas, sendo elas: “não”, “sim, já tomei e agora não tomo mais” e “sim, já tomei e continuo tomando atualmente”. À primeira resposta, obteve-se frequência de 5.711 respostas válidas (83,7%), enquanto a segunda obteve 659 respostas (9,7%) e a terceira 450 respostas (6,6%). Houve um total de 86 omissos, ou seja, 1,2%.

Dentre os alunos que responderam “sim, já tomei e continuo tomando”, havia outra pergunta em que era possível realizar a análise sobre o uso de psicofármacos antes do egresso na graduação, ou se o uso se iniciou quando e/ou após a entrada no ensino superior. Houve 166 alunos – 30% dos que faziam uso de psicofármacos, que não responderam sobre essa especificação temporal. Dentre os 389 estudantes que o fizeram, 240 (61,7% do total válido) responderam que o início do uso ocorreu antes do ingresso na Universidade e 149 (38,3%), após.

Realizando a tabulação cruzada com gênero, utilizando, neste caso, o agrupamento das respostas afirmativas, a fim de manter-se a efetividade de qui-quadrado, obtivemos significância assintótica $<0,000$. Os resultados foram de 661 (20,2%) pessoas do sexo feminino que utilizam e/ou já utilizaram psicofármacos, enquanto 444 (12,6%) pessoas do sexo masculino na mesma condição.

A respeito das classes de psicofármacos mais utilizados pelos alunos da UNICAMP, o questionário contemplava uma pergunta aberta em que havia opção de descrever qual psicofármaco o respondedor utilizava.

Quanto ao tipo de medicações utilizadas, houve 96 estudantes que responderam que utilizavam psicofármacos, mas que não responderam sobre essa especificação. Dentre os que especificaram que utilizavam uma ou mais classes, dentre as dez consideradas, houve 1.110 alunos. Dentre eles, 642 (73,1% dos válidos) referiram que estavam em uso de antidepressivos; 160 (18,2%), benzodiazepínicos; 32 (3,6%), anticonvulsivantes; 7 (0,6%), lítio; 46 (5,2%), antipsicóticos; 44 (5%), psicoestimulantes; 21 (2,4%), sedativos não-benzodiazepínicos; 24 (2,7%), homeopatia; 17 (1,9%), florais; e 161 (18,3%), outras classes de psicofármacos.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

O presente estudo demonstrou a alta declaração sobre a ocorrência de transtornos mentais pelos estudantes universitários abordados na Universidade Estadual de Campinas. Os dados encontrados (27,9% das respostas válidas) foram próximos aos valores mais elevados observados em outros estudos com amostras de estudantes universitários brasileiros, que é de 15 a 29%¹⁴⁻¹⁷.

Sobre o uso de psicofármacos entre os gêneros, houve diferença significativa, sendo mais relevante o uso entre a população feminina (20,2%) do que na masculina (12,6%). Esses resultados seguem o esperado para a população brasileira no geral, entretanto faltam estudos que analisem a população universitária com enfoque neste tema¹⁸⁻²¹, o que aumenta a relevância do presente estudo.

Dentre os alunos que estavam em uso de psicofármacos quando da aplicação do questionário e que informaram sobre o início do uso, este foi maior antes da entrada na graduação que após o início do ensino superior. Isso pode orientar ações universitárias para atenção à saúde mental do estudante já desde o início do curso, uma vez que grande parte deles inicia a vida universitária em uso de medicações⁵⁻⁹.

A respeito dos psicofármacos utilizados pelos alunos, dentre as classes analisadas, houve maior prevalência de antidepressivos (73,1%), seguido do uso de benzodiazepínicos (18,2%), ao contrário do que é descrito nos estudos pesquisados, em que, a despeito de os antidepressivos se manterem em primeiro lugar, o segundo ser representado por psicoestimulantes. A grande quantidade de estudantes com uso de benzodiazepínicos traz uma preocupação adicional, visto ser esta classe de medicamentos possível de causar dependência, efeitos sobre a cognição, reflexos e interação com álcool, outra substância de uso bastante frequente entre universitários²⁰⁻²².

BIBLIOGRAFIA

1. Rodrigues MAP, Facchini LA, Lima MS. Modificações nos padrões de consumo de psicofármacos em localidade do Sul do Brasil. *Rev Saude Publica*, v. 40, n. 1, p. 107-114, 2006;
2. Grassi LTV, Castro JE. Estudo do Consumo de Psicotrópicos no Município de Alto Araguaia. 2014. 16 f. Dissertação - Faculdade do Pantanal, Cáceres, Mato Grosso;
3. Rang HP, Dale MM. *Farmacologia*. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2011;
4. Ferraza DA, Rocha LC, Luzio CA. Medicalização em um serviço público de saúde mental: Um estudo sobre a prescrição de psicofármacos. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 2, n. 6, p. 255-265, 2013;
5. De Luna IS, Dominato AAG, Ferrari F, da Costa AL, Pires AC, Ximenes GS. Consumo de psicofármacos entre alunos de medicina do primeiro e sexto ano de uma universidade do estado de São Paulo. *Colloq Vitae, São Paulo*, v. 10, n. 1, p. 22-28, 2018;
6. Dos Santos LH, da Silveira MM. Uso de psicofármacos por estudantes de psicologia. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, ISSN 1984-2147, Florianópolis*, v.11, n.29, p.01-12, 2019;
7. Rambo RRL, de Lima CRL, Zorzi MR. A utilização de psicofármacos por acadêmicos do curso de Medicina, em uma universidade no Meio Oeste de Santa Catarina, matriculados em 2017. *Revista da AMRIGS, Porto Alegre*, v. 63, n. 1, p. 43-48, 2019;
8. Trigueiro ESO, Leme MIS. ESTUDANTES E O DOPING INTELECTUAL: VALE TUDO NA BUSCA DO SUCESSO NO VESTIBULAR? *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 24, e. 219948, 2020;
9. Souza SR, Teixeira I. O adoecimento psíquico vivenciado na adolescência no período pré-vestibular. *Educação, Sociedade e Violência, Tocantins*, v. 3 n. 2, 2016;
10. Oliveira GS, Rocha CA, Santos BEF, Sena IS, Fávoro L, Guerreiro MC. Depressão em estudantes de medicina da Universidade Federal do Amapá. *Rev Med Saude Brasília, Brasília*, v. 5, n. 3, p. 186-99, 2016;
11. Bardagi MP. Evasão e comportamento vocacional de universitários: Estudos sobre o desenvolvimento de carreira durante a graduação. Tese de Doutorado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. 2007;
12. Carlotto MS, Nakamura A, Câmara S. Síndrome de Burnout em estudantes universitários da área da saúde. *Rev Psico*. v. 37, n. 1, p. 57-62, 2006;
13. Da Mota ID, Farias GO, da Silva R, Folle A. SÍNDROME DE BORNOUT EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: um olhar sobre as investigações. *Motrividência, Santa Catarina*, v. 29, n. esp., p. 243-256, 2017;
14. Cerchiari EAN, Caetano D, Faccenda O. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. *Estud. psicol.*, Natal, v. 10, n. 3, p. 413-420, 2005;
15. Fonseca AA, Coutinho MPL, Azevedo RLW. Representações sociais da depressão em jovens universitários com e sem sintomas para desenvolver a depressão. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 492-498, 2008;
16. Ariño DO, Bardagi MP. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. *Psicol. Pesqui.*, Juiz de Fora, v. 12, n. 3, p. 44-52, 2018;
17. Gomes CFM, Junior RJP, Cardoso JV, da Silva DA. Transtornos mentais comuns em estudantes universitários. *Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 1-8, 2020;
18. Rocha BS, Werlang, MC. Psicofármacos na Estratégia Saúde da Família: perfil de utilização, acesso e estratégias para a promoção do uso racional. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 1, p. 3291-3300, 2013;
19. Leite LA, Cristina RMA. Automedicação de psicofármacos entre estudantes universitários de odontologia e medicina. *Revista Internacional de Educação Superior, Campinas, SP*, v. 7, p. e021037, 2021;
20. Bauchrowitz C, Paz LEC, Müller EV, Possagno GCH, Minozzo BR. PREVALÊNCIA DE USO DE PSICOFÁRMACOS POR ACADÊMICOS: EFEITOS DO PROCESSO DE GRADUAÇÃO. *Brazilian Journal of Development*, v. 5, n. 11, p. 24815-24933, 2019;
21. Lima MCP, Menezes PR, Carandina L, Cesar CLG, Barros MBA, Goldbaum M. Transtornos mentais comuns e uso de psicofármacos: impacto das condições socioeconômicas. *Revista de Saúde Pública*. v. 42, n. 4, pp. 717-723, 2008;
22. Araújo, AFLL. Investigação sobre o uso de psicofármacos entre estudantes universitários. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pesquisa em Saúde, Centro Universitário Cesmac, Maceió, 2019.